

DESTAQUE

ANTONIO CARLOS PEREIRA

A Cabeça do Cachorro

Há pouco menos de dez anos, três militares brasileiros foram mortos a tiros por "bandoleiros" que invadiram o acampamento de uma pequena guarnição de fronteira, no Rio Traíra. Um bom trecho do Traíra constitui a fronteira entre Brasil e Colômbia. Naquele fim de mundo, "bandoleiro" pode ser qualquer coisa: garimpeiro desgarrado, bandido ou guerrilheiro. Quando ocorreu o incidente de Traíra, aquela região, um saliente brasileiro que se projeta sobre a Colômbia como se fora uma cabeça de cachorro, tinha acabado de passar por um período convulsionado, com bandos de garimpeiros ignorando fronteiras e leis. A guerrilha colombiana, porém, estava relativamente calma: as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) ainda estavam se recompondo do isolamento político a que haviam ficado reduzidas desde que os demais grupos guerrilheiros aceitaram o oferecimento do governo colombiano de depor armas e ingressar na vida política normal do país, como partidos legalmente constituídos.

Nesses últimos anos, a situação mudou. As Farc se fortaleceram. Como não podem contar mais com auxílio externo, recolhem taxas e impostos dos camponeses que plantam coca e dos traficantes que refinam as folhas. Sua receita anual é estimada entre US\$ 500 milhões e US\$ 1 bilhão, dependendo de quem faz a conta. Com esse dinheiro, compra armas e treina pessoal. Não tem condições de controlar o país, mas pode negar esse controle, nas regiões que escolher, ao Exército e ao governo colombianos.

Nos últimos meses, as Farc começaram a mudar de estratégia, passando para um estágio superior do catecismo da guerrilha. Continuam usando sua capacidade de mobilização e de surpresa para ferir o governo, mas estabeleceu bases territoriais fixas, verdadeiros governos provisórios, em algumas regiões que controla eficazmente.

Sábado passado, o governo colombiano retirou todas as suas tropas e agentes de cinco cidades, mu-

nicipios com área de 42 mil quilômetros quadrados, que agora são governados pelas Farc, com o assentimento do presidente Andrés Pastrana. Trata-se de um gesto de boa vontade feudal. Para provar boa-fé e desejo de negociar com a guerrilha, o presidente Pastrana entregou a ela cinco municípios com seus habitantes e, esses, com seus bens. Essa cessão de soberania durará três meses, segundo crê o presidente Pastrana. A seu ver, findo esse período os guerrilheiros devolverão ao governo o que já consideram seu. E, se devolvem, qual será o custo político desse gesto politicamente desesperado.

A evolução do drama colombiano interessa diretamente ao Brasil. Depois do ataque ao posto de Traíra, a aparição de grupos guerrilheiros colombianos na fronteira com o Brasil tem ocorrido com frequência indesejável. Oito meses atrás,

tropas do Exército brasileiro fizeram uma manobra na região, para demonstrar presença e resolução, na tentativa de dissuadir grupos guerrilheiros cada vez mais atrevidos, que vêm buscar do lado de cá da fronteira abrigo e conforto.

O incidente de fronteira ocorrido há cerca de dez dias mostrou o potencial de dano que a crise colombiana pode ter para a segurança da fronteira norte. Antes que entrasse em vigor o cessar fogo nas tais cinco cidades, as Farc decidiram lançar

uma ofensiva contra o governo. Como parte das operações, ocupou a cidade de Mitú, do lado colombiano da fronteira, num combate que resultou na morte de cerca de cem soldados e policiais, o que demonstra a ferocidade da luta. Como é mais fácil atingir Mitú a partir do Brasil que da Colômbia, o governo de Bogotá solicitou a Brasília permissão para usar a pista de pouso de Iaueté. Antes que houvesse uma resposta definitiva, aviões e helicópteros colombianos violaram o território brasileiro. Os desdobramentos diplomáticos do incidente são conhecidos. O que é preciso, agora, é o governo agir rapidamente para dotar as guarnições da região de condições para fazer valer a soberania nacional.



■ Antonio Carlos Pereira é jornalista

Aparição de grupos guerrilheiros colombianos na fronteira preocupa o Brasil